

Desigualdade, qualidade do emprego e da educação

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo e presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP. É membro da Academia Paulista de Letras

A redução da desigualdade no Brasil depende muito da melhoria da qualidade dos empregos e da educação. No mercado de trabalho brasileiro predominam atividades e ocupações muito simples que remuneram mal, têm alta rotatividade e baixa produtividade: balconistas, motoristas, embaladores, atendentes, entregadores, arrumadeiras, merendeiras, lavradores, porteiros, ajudantes de cozinha, etc. Cerca de 2/3 dos brasileiros que trabalham realizam atividades desse tipo e 1/3 se dedicam a ocupações mais complexas nas áreas da educação, saúde, engenharia, tecnologia, ciências básicas, ciências sociais, direito e outras. São atividades melhor remuneradas, com menos rotatividade e com maior impacto na produtividade.

Historicamente, esse quadro decorre da natureza do nosso sistema produtivo que está muito ligado à agricultura, mineração e pequenas empresas do comércio e serviços. Cerca de 2/3 das exportações brasileiras são intensivas em produtos naturais (commodities). Veja o contraste da Alemanha: mais de 50% das exportações são de bens e serviços intensivos em conhecimento (veículos, maquinário

complexo, fármacos, engenharia, etc.). Para produzir esses bens e serviços, cerca de 2/3 dos empregos são de boa qualidade, bem remunerados, de baixa rotatividade e alta produtividade e 1/3 são de má qualidade, em geral, ocupados por imigrantes como é o caso dos balconistas, garçons, motoristas, faxineiros, ajudantes de obra, etc. Trata-se de uma estrutura de atividades e de ocupações que é, grosso modo, o inverso da brasileira.

Para preencher os 2/3 de bons empregos, a Alemanha dispõe de um sistema de ensino eficientíssimo nas áreas tecnológicas e científicas. É o chamado ensino dual no qual os estudantes passam metade do tempo na escola e a outra metade nas empresas com boa orientação. No nível superior, a qualidade é igualmente elevada.

No Brasil, mesmo para preencher os bons empregos que são poucos, há falta de pessoal qualificado. Assim ocorre na área de projetos para infraestrutura, pesquisa e desenvolvimento industriais, criação e gestão de tecnologia de informação, profissionais para a área de energia, profissionais para a solução de problemas climáticos e ambientais

etc. Não é para menos: 3% da nossa força de trabalho ainda são analfabetos; 23% têm apenas alguns anos do ensino fundamental; 8,5% só têm o fundamental completo; 7,5% têm o ensino médio incompleto; 33% têm o médio completo, na maioria dos casos, de má qualidade. Ou seja, 75% dos trabalhadores brasileiros são de qualificação limitada o que, de certo modo, acompanha os 2/3 de maus empregos para eles disponíveis.

Portanto, temos dois problemas gigantescos pela frente. Primeiro, transformar os 2/3 de maus empregos em bons empregos. Segundo, garantir uma boa qualificação para se preencher os poucos bons empregos. Só assim se pode pensar em reduzir a desigualdade.

Não gosto de apontar problemas sem indicar soluções. Mas tenho de ser realista e dizer que esse quadro não muda de repente. Sofisticar a atual estrutura de produção demanda décadas de trabalho bem feito. O mesmo ocorre para a melhoria da qualidade da educação. Nos dois casos, porém, o importante é ter um plano de longo prazo e começar a implantação imediatamente.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Time é tudo

Time, uma expressão da língua inglesa, pode ser entendida como sendo também o tempo certo, momento de agir. Há um time para todas as ações humanas. Passado esse momento, perdem-se a oportunidade e a abertura momentânea para que as ações surtam seus maiores e mais eficazes efeitos. De modo geral, o time necessita ser respondido à altura, no exato momento ou no tempo próprio. Passada essa janela, que pode variar de segundos a anos, a resposta a um fato perde seu potencial e a ocasião escapa para sempre.

Todo o mundo foi pego de surpresa durante a pandemia por seus efeitos mortais. No Brasil e em muitas partes do mundo, a indecifrável doença foi recebida com muitas dúvidas e poucas respostas. Vacinar uma população inteira com um composto, em que não há assinatura do responsável na bula, despertou desconfiança. Mesmo assim, não faltou vacina e o protocolo mundial foi obedecido. Mas o governo pode ter perdido o timing quando demorou a providenciar a união dos maiores institutos e laboratórios do país, como a FioCruz e o Butantan, ofertando-lhes, em medida de emergência, todos os recursos financeiros e logísticos para uma resposta imediata ao vírus, conclamando também a fusão de vários laboratórios e centros de pesquisa, espalhados pelo país, para reunirem esforços na pesquisa de uma medicação adequada.

Vieram o panorama posterior e seus reflexos nas eleições de outubro. Perdeu-se o time. Com isso, o Supremo encontrou um mote jurídico certo para abrir as portas da cadeia e, de lá, retirar seu candidato favorito “para conservar o Brasil”. Como não houve manifestação capaz de impedir o feito, foi realizada essa estratégia inédita e impensável para aqueles que lidam e que são operadores da justiça em nome do Estado. Mais uma vez e de boca aberta, perdeu-se o time.

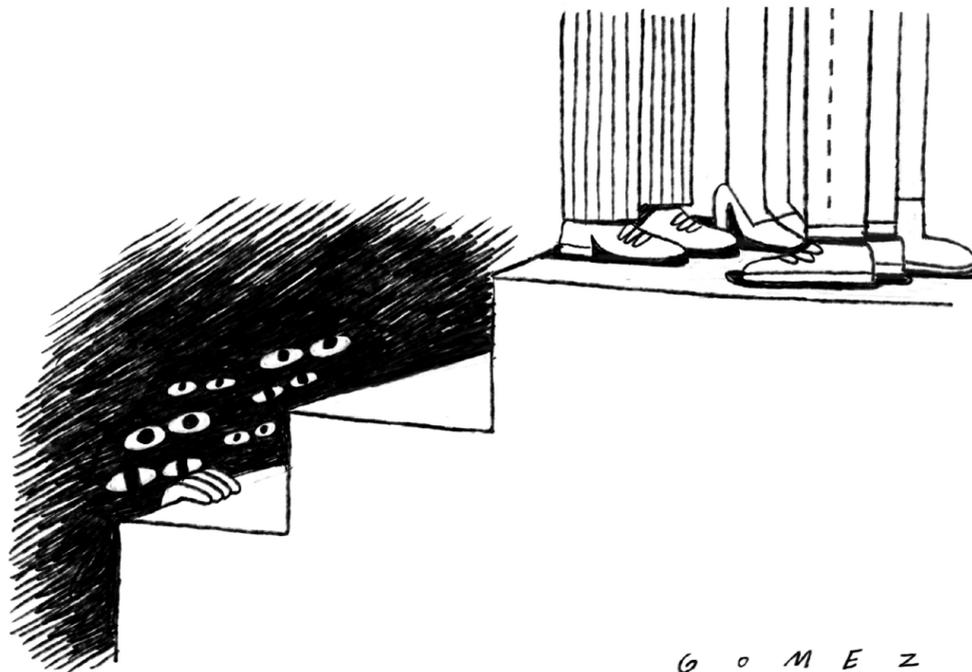
Quando as Forças Armadas, a quem é assegurada a defesa, a integridade e a garantia da ordem e da segurança interna, bem como de suas leis, conforme artigo 143 da Carta de 1988, deixou de agir, impedindo que um condenado em três instâncias voltasse a atividade política, colocando, novamente, em sério risco a segurança interna do país, deixou que o time passasse. Não agiu naquele momento e não pôde agir a posteriori. Mesmo para aqueles que não cursaram a Escola Superior de Guerra e outros centros de formação estratégica, sabiam que o que se seguiu depois, com a anulação dos inquéritos contra o principal personagem do maior caso de corrupção do planeta e do país, trariam sérias consequências para a segurança interna nacional, o que vem se confirmando pelas manifestações populares que não param de acontecer.

Ou é preciso uma mudança nos currículos dessas instituições superiores, que ensinam estratégias de segurança interna ou faltou time e coragem para o estabelecimento de um conjunto de ações legais, visando impedir o avanço e o enraizamento de doutrinas globalistas de esquerda dentro do Estado.

Agora, esse avanço vem sendo feito à luz do dia e com proteção de instituições do próprio Estado, é tarde. Mas não impossível. Também o atual presidente da República, depois de mais de 40 horas em silêncio sobre os resultados de uma eleição, totalmente tutelada pelo Tribunal Superior Eleitoral, perdeu o time, quando em pronunciamento ao lado de todo o seu gabinete, não expôs abertamente e de maneira franca, sua visão sobre o que se passou nesses dois pleitos e sua percepção do que virá amanhã.

Poderia muito bem ter dito que foi esmagado pelo sistema que aí está. Que se viu impossibilitado de agir, quando esse sistema enfiou goela abaixo da nação, um candidato flagrantemente impedido de concorrer, e que diante dessa pressão interna e externa, contra um candidato do sistema, se viu abandonado por aqueles que mais deviam apoiá-lo.

Poderia ter exposto os bastidores dessa que chamamos República e que a maioria dos brasileiros desconhece totalmente. Com isso e mais uma vez, fechamos as portas depois de roubados.



G O M E Z

Alívio e esperança

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

Domingo passado milhões de brasileiros acompanharam pela TV, internet e pelas redes sociais a apuração do voto da eleição presidencial. Foi emocionante! Houve algumas características distintas de outros pleitos. Pela primeira vez, a abstenção entre primeiro e segundo turno caiu e um candidato à reeleição foi derrotado. Vale ressaltar que os dois candidatos obtiveram uma votação recorde, comprovando o interesse e a participação expressiva da população na disputa.

Mais uma vez nosso sistema eleitoral comprovou sua confiabilidade e eficácia. O resultado foi confirmado pelo TSE por volta de 19h50, menos de 3 horas após o término da votação (e ainda tem gente com saudade do voto impresso). Ato contínuo, os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal fizeram pronunciamentos reconhecendo o resultado das urnas. O mesmo fizeram os governadores eleitos e/ou reeleitos, independentemente de quem tivessem apoiado na disputa. E ao longo da noite os mais variados chefes de Estado — de direita, de esquerda, de centro, de países centrais e periféricos — enviaram mensagens de congratulações ao presidente eleito.

E apesar do silêncio do candidato derrotado, as tratativas para a organização do processo de transição caminhavam. Até mesmo o vice-presidente Mourão fez questão de convidar o vice-presidente eleito para conhecer o Palácio do Jaburu. Ou seja, mais uma vez as instituições republicanas continuam demonstrando sua força, apesar de muita gente ter passado os últimos anos afirmando o contrário.

Outro exemplo da importância e força da institucionalidade brasileira foi a decisão unânime do STF determinando o desbloqueio das estradas tomadas por alguns arruaceiros, incluindo a autorização para que governadores pudessem acionar as Polícias Militares.

Graças a esse cenário, o atual presidente foi obrigado a se pronunciar após 44 horas de silêncio, perdendo a aposta numa reviravolta por meio de uma grande revolta popular ou da ação das Forças Armadas que jogasse por terra o voto popular. Claro que, de onde menos se espera é que não vem nada mesmo, e o discurso foi pífio. Serviu apenas para, de forma tímida e indireta, reconhecer o resultado e sinalizar que o direito de ir e vir deveria ser respeitado, referindo-se aos bloqueios golpistas.

Quando escrevo essa coluna os noticiários indicam que as estradas já estão sendo liberadas. Portanto, agora é a hora de se olhar para o futuro, respondendo à seguinte pergunta: o que esperar do novo governo?

Um primeiro sinal positivo foi a formalização de Geraldo Alckmin como coordenador da equipe de transição, reforçando a ideia de que Lula pretende fazer um governo amplo, para além das hostes petistas. É uma confirmação do que marcou seus posicionamentos durante a campanha no segundo turno.

Já no plano internacional é alvissareiro poder presenciar a reação positiva de inúmeros governos centrais explicitando seu regozijo com a possibilidade concreta do Brasil voltar a representar um papel relevante no concerto das nações, particularmente no que tange às políticas ambientais.

Se é verdade afirmar que o resultado trouxe uma sensação de alívio para a maioria da população, é muito preocupante que o presidente atual, brandindo o lema do fascismo, tenha conseguido alcançar 58 milhões de votos.

Portanto, é imprescindível que o chamado centro seja reconstruído de modo a ter a capacidade de voltar a atrair os segmentos conservadores e de direita, comprometidos com democracia, mas que desde 2018 acabaram sendo cooptados pelo bolsonarismo com base em um fortíssimo sentimento antipetista.

Isolar a extrema direita na sociedade e no Congresso Nacional é a primeira e urgente tarefa do novo governo e da sociedade. Os bloqueios nas estradas e as manifestações em frente a unidades militares ocorridos nesta semana mostraram que estão dispostos a continuar se mobilizando em torno de bandeiras antidemocráticas. Na última quarta-feira, inclusive, o presidente gravou um vídeo no qual pede o desbloqueio das estradas, mas incentivava abertamente a continuidade das manifestações cujo mote é contestar o resultado da eleição.

Assim, o desafio é conseguirmos reunir competência política e eleitoral para sermos capazes de romper essa polarização de modo que em 2026 não sejamos obrigados a escolher entre duas candidaturas de mesmas matizes. Para isso, o governo Lula precisará ter um papel absolutamente determinante. Seus movimentos iniciais após o pleito nos dão esperança de que o sucesso nessa empreitada possa vir a ser seu principal legado.

» A frase que foi pronunciada

“O importante é não parar de questionar. A curiosidade tem sua própria razão de existir.”

Albert Einstein

Agenda

» Dia 10 deste mês a Câmara dos Deputados vai receber educadores para discutir as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores. A iniciativa é da deputada federal petista Rosa Neide.

Presença

» Dados impressionantes divulgados pelo GDF mostram a redução de crimes contra a vida no DF. Foi a maior queda desde 2000. Outro índice registrado pela Secretaria de Segurança é em relação aos roubos em transportes públicos. Caem pelo terceiro mês consecutivo.

Chegando

» Grupo chinês da Xamano Biotech vai ocupar uma área de quase 500 m² na UnB. A parceria foi firmada em solenidade entre a gigante da biotecnologia chinesa e a Universidade de Brasília. A reitora Márcia Abrahão está animada com a ampliação e fortalecimento da estrutura de pesquisa na instituição.

» História de Brasília

Mas o pior é que o Instituto já construiu aragens de prédios que ainda não foram terminados, e insiste em não fazer a do bloco 5, sob as mais insistentes alegações de que “não há condições no momento”. (Publicada em 13/3/1962)